

IDENTIDADES NO LEITO DE PROCUSTO: ENTRE SILÊNCIOS E NATURALIZAÇÕES

p. 53 - 62

Renato de Oliveira Dering¹
Ederson Luis Silveira²

Resumo

Esse artigo visa propor uma leitura acerca da personagem Jamubahi, da obra *O legado da perda*, de Kiran Desai. Jamubhai, o juiz e protagonista da narrativa, é uma personagem sobre a qual podemos debruçar o olhar com vistas a perceber uma interface entre os estudos identitários e de gênero, principalmente no que diz respeito às relações que ele tem com sua mulher durante a narrativa e sobre o modo como ela é apresentada a partir das marcas de silenciamento que imperavam sobre a mulher na Índia quando o livro foi escrito. Dessa forma, procuraremos aqui trazer contribuições acerca das relações entre literatura e estudos de gênero na atualidade.

Palavras-chave: Estudos de gênero. Literatura. Identidades.

Abstract

This paper aims to propose a reading about the Jamubahi character of the work, the legacy of loss, by Kiran Desai. Jamubhai, the judge and protagonist of narrative, is a fictional character on which we can examine the look with a view to realizing an interface between identity and gender studies, especially with regard to the relationships he has with his wife during the narrative and about the way in which it is presented from the mute marks that thrives on the woman in India when the book was written. In this way, we will try here to bring contributions about the relations between literature and gender studies at present.

Keywords: Gender studies. Literature. Identities.

Introdução

Toda obra literária pode ser percebida através dos aspectos sócio-culturais que atravessam sua constituição e recepção, elementos estes que permitem ampliar as redes discursivas que a circundam, promovendo reflexões diversas com o passar do tempo. Se, neste contexto, para Ítalo Calvino, o clássico é aquele que não terminou de dizer o que tinha para dizer, não podemos nos resvalar na perspectiva limitada a uma só interpretação no que se refere ao literário. Apontar apenas um caminho de leitura e análise implica cometer um erro de crítica e, mais ainda, fixar-se em falácias viciosas acerca da leitura literária. Caso houvesse tal redução da literatura a mero instrumento informativo, falaríamos, portanto, de processos objetivos e positivistas, reduzindo a riqueza e a multiplicidade de efeitos da literatura a manuais reducionistas. O desconstrucionismo e a estética da recepção demonstraram, por exemplo, cada qual ao seu modo, que nenhum texto possui essência ou conteúdo imanente que caberia ao leitor decodificar. Dessa

1 Professor do Centro Universitário de Goiás, Uni-ANHANGUERA, lecionando nos cursos de graduação em Publicidade e Propaganda e Segurança Pública; Mestre em Letras (Concentração: Estudos Literários / Linha de Pesquisa: Literatura, cultura e sociedade) pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Graduado em Letras - Português pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (FL/UFG).

2- Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -CAPES; pós-graduando em Ontologia e Epistemologia, graduado em letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG (RS), membro do Grupo de Estudos em Territorialidades da Infância e Formação Docente (GESTAR/CNPq).

forma, os sentidos são construídos também no ato da leitura, conforme os repertórios e referenciais dos leitores no encontro com o meio social, histórico e ideológico em que estes se inserem.

A questão de ser a literatura a representação da realidade foi durante algum tempo até a atualidade contestada pela crítica literária, para a qual a literatura, mais do que representar, produz realidade. Assim, em um duplo movimento, a literatura contemporânea ficcionaliza a realidade e confere estatuto de realidade à ficção, ou seja, as fronteiras entre realidade e ficção tendem a se tornar cada vez mais movediças a depender do ponto de ancoragem em que o estudioso se situe a partir de seu horizonte investigativo.

Neste contexto, cabe assinalar que no bojo dos estudos literários, inúmeros significantes podem ser apreendidos e potencializados através da linguagem e da maneira como são propostos e desenvolvidos. Isso ocorre por que

a literatura é uma instituição social que utiliza, como meio de expressão específico, a linguagem – que é criação social. Processos literários tão tradicionais como o simbolismo e o metro – são, por natureza, sociais. Constituem convenções e normas que só podiam ter surgido em sociedade (WELLEK; WARREN, 1983, p. 113).

Assim, as narrativas ficcionais são desencadeadas justamente por essa sequência, não inocente, realizada pelo autor da obra na sua relação com um destinatário, o leitor literário. São essas sequências e suas formas de apresentação que nos trarão as diversas perspectivas de análise de uma obra literária. Desse modo, as incompletudes constituintes do texto literário fazem com que esta se torne “o lugar vazio [que] induz o leitor a agir no texto” (ISER, 1999, p. 156), tornando-o agente ativo na relação entre autor-obra-leitor. Essas problematizações suscitadas, a partir da análise literária, com o passar do tempo fizeram com que inúmeras teorias pudessem oferecer

instrumentos de leitura para a (re)significação dos artefatos literários conforme um enfoque específico. Assim, diferentes vertentes teóricas oferecem diferentes possibilidades hermenêuticas que expandem o escopo de significação de um texto literário, contribuindo de forma significativa para poder cercá-la, realizando outras e novas leituras preponderantes para os estudos recentes.

Dentre essas possibilidades de leitura propiciadas pelo desenvolvimento da crítica literária e seus desdobramentos, os estudos de gênero, emergentes sob influxo da crítica feminista, conferem ao texto literário um tratamento crítico peculiar, ancorado na problematização das políticas de gênero vislumbradas nos processos de escrita e de leitura do texto literário. Assim, essa vertente da crítica literária emergente na segunda metade do século XX evidencia aspectos antes esquecidos tanto pela teoria quanto pela crítica literária. Segundo Belsey & Moore (1989), após a intervenção da crítica feminista,

‘Art’ was no longer a cover for politics; ‘literature’ ceased to be a special category, a repository of timeless truths concerning an eternal human nature; and ‘great authors’ could get it wrong. The works on the syllabus, it appeared, were not necessarily neutral, not simply depictions of reality, but interpretations of the world, and some of them presented women in trivialising or degrading ways. Writing was a cultural rather than a purely individual phenomenon, and the social context of literature was more than an explanatory ‘background’. Fiction, it seemed, both manifested and influenced the ways in which societies understood themselves and the world. Literature was in this sense profoundly historical (BELSEY & MOORE, 1989, p. 2).

Esse novo modo de perceber a literatura permitiu – e permite – que haja uma ou mais leituras acerca das personagens de uma obra e que, dessa forma, possam ser apreendidas as relações da obra com o meio e com as demais personagens dentro da própria narrativa. Logo, o estudo permite compreender perspectivas

antes pouco trabalhadas e, desse modo, rever como a representação da sociedade se dá através da literatura, principalmente quando se trata da representação literária de sujeitos subalternos, como mulheres e homossexuais. Segundo Flax (1992):

O estudo das relações de gênero acarreta pelo menos dois níveis de análise: o do gênero como uma construção ou categoria do pensamento que nos ajuda a entender histórias e mundos sociais particulares; e do gênero como uma relação social que entra em todas as outras atividades e relações sociais e parcialmente a constitui (FLAX, 1992, p. 229-230).

Assim, os estudos de gênero abrem uma gama de possibilidades para as relações individuais e sociais, podendo inclusive constituí-las e reformulá-las de forma significativa. Ainda segundo Flax (1992), é preciso que sejamos autocríticos e socialmente engajados para que as relações de gênero sejam úteis como categorias de análise social, isto é, é preciso que não obstruamos nossa visão para questões que saltam aos olhos, mas, sim, promovamos reflexões e discussões acerca da temática.

Essa atenção para os processos de subalternização e agenciamento se torna premente em uma sociedade que, cada vez mais, ruma em direção de gestos panópticos no bojo da sociedade, que implica a observação de um pelo outro na constituição de regras sociais que regulam os indivíduos. Isso ocorre porque esse sistema de vigilância é capaz de integração e imposição de qualquer função, visto que as relações humanas são perpassadas pelo poder apesar do fato de que a sujeição não está todo instante em toda parte sem subversões a padrões estabelecidos culturalmente, pois, onde há poder, há resistência (FOUCAULT, 2009). Isso faz com que sejam engendrados comportamentos sociais fazendo com que o sujeito seja “determinado”

ou “condicionado” a ser e atuar de uma forma fixa na sociedade apesar de haver espaço para subversão da ordem inscrita no interior de cada relação de poder enquanto possibilidade.

Logo, esse modo de agir acaba por limitar e reduzir a capacidade do sujeito em promover sua individualidade, obstando seu processo de individuação, ou seja, de sua constituição identitária e subjetiva. Neste contexto, cabe destacar os estudos de Stuart Hall (2005), para quem a identidade passa a ser vista como elemento que traça similaridades e aproximações que perpassam tanto a subjetividade (em que se revelam traços exteriores de constituição) quanto à exterioridade de sujeitos e outros que interagem socialmente. Nessa perspectiva, cada ser humano se projeta dentro de uma determinada identidade cultural, relacionando-se com ela e agindo sobre a mesma.

É preciso lembrar que os estudos que tratam de identidade do sujeito estão emaranhados aos estudos de gênero, pois tratamos da constituição do sujeito como tal e não de aspectos divergentes ou difusos. Desvencilhar gênero dos processos de identificação dos sujeitos é então desconsiderar a ruptura epistemológica empreendida pela crítica feminista ao postular que todas as relações humanas são políticas, inclusive as mais pessoais, que se dão na microesfera das dinâmicas relacionais entre homens e mulheres. Além disso, essa clivagem entre gênero e identidade passa ao largo de aspectos importantíssimos para o estudo do conceito e das obras nas quais as relações de gênero são tematizadas de forma mais acentuada, como a constituição desse indivíduo e suas relações com o meio. Dessa forma,

o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes

2 Texto é aqui empreendido conforme concepção de Orlandi e Lagazzi (2010, p. 68), “texto como uma unidade de análise afetada pelas suas condições de produção.”

direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2005, p. 13).

Conforme apontado pela crítica feminista, categorias biológicas reducionistas que estabeleçam definições de homem e mulher não podem ser tomadas como inerentes ao ser, pois o sujeito se constitui nas dinâmicas interativas com outros sujeitos e com o ambiente social em que vive. Esse aspecto torna o estudo e suas interpretações ainda mais problemáticas. Butler (2003), por exemplo, embora afirme que o gênero esta cerceado pelas limitações do poder no interior das quais este está situado, há possibilidades de subversão que se abrem a partir destas limitações. Contudo, contribui de forma ainda mais incisiva para um estudo que abarque a construção do sujeito social, desconsiderando as “regras” e verificando, no entanto, as possibilidades e potencialidades desse indivíduo (SCOTT, 1990). Essa constituição do sujeito pode ser percebida em muitas obras da contemporaneidade, que tematizam no âmbito da ficção esse sujeito fragmentado.

Neste contexto, consideraremos para o presente estudo a obra *O legado da perda* (The Inheritance of Loss), contemplado em 2006 pelo prêmio Man Booker Prize, da escritora Kiran Desai. Indiana nascida em Nova Délhi, Kiran Desai se muda aos 15 anos para os Estados Unidos, onde conclui seus estudos.

Nos caminhos da ficção: encontros e desencontros

O legado da perda, em seus cinquenta e três capítulos, conta a história de Jemubhai, um juiz indiano que já não mais atua em sua profissão. Contudo, ao mesmo tempo em que retrata sua história, faz inferências acerca das histórias das personagens que o interligam com um passado em

que viveu e um futuro que ele quis ou tentou viver. Desse modo, temos ao mesmo tempo as histórias de sua neta, seu cozinheiro, o filho do cozinheiro, duas senhoras, o professor da neta e um plano de fundo marcado pelo terror e uma busca incessante de nacionalidade tortuosa de uma nação, misturada à globalização exercida e imperada por outra.

As histórias que se inter-relacionam com a de Jemubhai são vistas e revisitadas, principalmente, através das histórias das outras personagens que o rodeiam, seja na vivência da neta na cidade grande, que retoma seu passado a essa mesma fase que passou, seja no espírito de luta e conquista de Gyan, o professor da neta, Sai.

Além dessas histórias que vão interagir diretamente com a de Jemubhai, ainda podemos perceber a modulação de uma narrativa que envolve Biju, filho do cozinheiro. Biju vive nos Estados Unidos da América, onde convive com inúmeras culturas e vivencia, ainda que ilusoriamente, sua vida na Índia através das memórias construídas por ele. Esse mesmo viés memorialístico constitui o próprio protagonista ao longo do romance.

Nessa condição de desterritorialização, na qual Biju vive nos Estados Unidos, mas anseia por regressar à Índia, podemos perceber a instabilidade do ser, que se reflete também no juiz, seja na sua vontade de não viver como indiano, mas em um mundo pós-moderno, seja na sua própria constituição indefinida acerca de sua posição social e de sua vida.

Assim, podemos inferir que não há uma verdade dos fatos apenas, mas efeitos de verdade que são criados pelo discurso (BARRET, 1999) das personagens e se dissipam e interagem com a memória dessas personagens. O discurso, também como detentor de ideologias, carrega consigo proposições que são determinantes para composição do sujeito, historicamente e culturalmente situado. Desse modo, esses discursos promovem um diálogo

com as proposições memorialísticas, que vão perfazendo esses sujeitos e constituindo-os.

O perfil de Jemubhai, nosso foco, é delineado logo nos primeiros capítulos da obra, mas será apenas no capítulo oitavo que começamos a conhecer sua história de fato. Trata-se de um rapaz novo, que foi estudar fora de seu país e conseguiu entrar no serviço militar, ainda que com dificuldades. Durante seu período de estudos, encantou-se pelas novas tecnologias e pela visão do mundo ocidental e, ao regressar, casou-se cedo, com uma mulher bem mais nova do que ele, ficando viúvo anos depois.

A mulher na ficção sob as vestes do silenciamento e o homem a partir da voz heteropatriarcal

É justamente a partir da relação com o novo, que vivenciou em seus estudos e com sua esposa, que levantamos as considerações de identidade de Jemubhai. Percebe-se, ao longo de toda a narrativa, um “descaso” pela esposa do juiz, já que, sempre que esta é referenciada pouco se sabe a seu respeito. O leitor só fica ciente de quem realmente ela é quando um dos capítulos é dedicado à história do juiz e, através de um relato memorial rápido, é possível conhecer a história dessa mulher. Não há uma verificação ou explanação maior para ela, sendo que as passagens mais marcantes são justamente a do ato sexual e a de sua morte, ambas fortes e sutis, paradoxalmente.

Jemubhai casou-se com sua esposa quando ela tinha catorze anos, e decidiu respeitá-la, não se aproximando sexualmente dela por um bom tempo. Esse fato mostra a valoração negativa de uma sociedade que percebe o ato de respeitar a mulher, não deflorando sua virgindade por causa da idade incipiente como comportamento constrangedor para o homem na sociedade na qual se insere, pois é comum que este seja percebido enquanto

aquele quem dita às ordens na relação do casal, se aqui for levado em consideração, principalmente, o contexto indiano no qual a obra se inscreve.

O juiz, como descrito na narrativa, nunca demonstrou atração alguma por sua esposa e, tampouco, por qualquer outra mulher. Ao contrário, em certos trechos da narrativa, tece elogios e colocações a Gyan (professor de sua neta) pela personalidade forte e revolucionária do rapaz. Não obstante, outros fatos curiosos podem ser ressaltados. Um deles se instaura quando o juiz chega de viagem, trazendo objetos do estrangeiro, dentre os quais um aparentemente dedicado ao uso feminino: pó para o rosto. Segundo Jemubhai, esse pó era para não danificar sua pele; contudo, fica a dúvida para o leitor acerca da veracidade do fato. “Para alguns homens, a denominação “macho” é restritiva, e faz com que eles recorram a outro campo de representação (o do feminino) para nomear vivências que valorizam no cotidiano” (NOLASCO, 1995, p. 19).

Ainda nesse trecho da obra, verificamos a busca pela afirmação da masculinidade de Jemubhai perante as instituições sociais, através de atos “legitimadores” de dominação sobre sua esposa. Quando se dá conta do roubo desse objeto, ele se altera, não sabendo que a responsável pela subtração do estimado cosmético é sua esposa. Ela mente ao marido e, quando o juiz descobre sua mentira, ele a ataca, estuprando-a:

Demoniacamente açucarado em doce pigmento, ele partiu para cima dela, jogou-a no chão e, enquanto mais daquela perfeita cor rosa, fragmentada em um milhão de partículas, ia baixando, numa densa frustração de fúria e desejo – o pênis se desenrolando, manchando de roxo e preto como numa fúria, desajeitado, revelando a queda de que tinha ouvido falar – ele penetrou desgraciosamente nela (DESAI, 2006, p. 222).

Apesar de o ato ter se repetido algumas outras vezes, percebemos que se trata mais de uma

imposição social e descarrego da personagem do que propriamente de desejo sexual pela esposa, pelo sexo oposto: “No entanto, repetiu o ato sórdido mais e mais vezes. Mesmo por tédio, sempre e sempre, um hábito que não conseguia tolerar nele mesmo” (DESAI, 2006, p. 222).

A atitude é justificada pela necessidade de Jemubhai se impor diante da mulher, da família e da sociedade, pois tinha um “status” a zelar e um nome a manter, ainda que apresentasse características de um homem culto e esclarecido, apreciador das belas artes. Esse status que desejava manter é percebido em diversas atitudes do juiz, seja na maneira de tratar Sai, sua neta, seu cozinheiro, seja nas lembranças que o narrador faz durante a história: “O juiz pareceu lembrar de repente de sua personalidade, enrijeceu o corpo e não disse nada, cerrou a boca numa máscara, não olhou nem para a direita, nem para a esquerda, voltou para o jogo de xadrez” (DESAI, 2006, p. 338).

Esse exemplo evidencia a tentativa do personagem se enquadrar aos protocolos da masculinidade heteronormativa ao tentar assumir uma posição “viril”, uma vez que há em todo o indivíduo a tendência ao conflito entre masculino e feminino (NOLASCO, 1995). Esse conflito é passível de análise, pois, como corrobora Duarte (2002, p. 21), também a identidade da mulher oscila entre os binômios masculino e feminino, pois “a verdadeira natureza da mulher (sic) é desviada do campo das certezas dogmáticas para a arena da controvérsia”. Esse fato é facilmente atribuído à natureza do masculino, que sofre os mesmos efeitos.

Desse modo, a posição assumida por Jemubhai constitui efeitos sociais, históricos e políticos que, dependendo do contexto, são articulados de determinada maneira. Esses efeitos podem ocorrer de forma aparentemente natural, mas, quando a abordagem se dá através de questões de gênero, é possível perscrutar que há sempre em relação à identidade de gênero

algum tipo de imposição, de condicionamento social, como um panóptico efetivado.

Esse condicionamento ocorre, dentre outras formas, através da tradição cultural, no caso de O legado da perda. Seu processo de assujeitamento às normatividades de gênero lembra a própria teoria behaviorista, de Skinner, segundo a qual desde que se condicione alguém a agir a uma forma por um impulso (que nesse caso seria a tradição), esse indivíduo sempre agirá de determinada forma quando sofrer desse mesmo impulso ou parecidas atitudes. Dessa forma, a partir de Foucault (1996) cabe problematizar sobre as formas como são conduzidas as reflexões sobre a subjetividade, através do exterior que produz subjetivações através de discursos que molda, (re)modela identidades para produzir identidades que estejam de acordo com as leis do discurso em questão.

Sobre masculinidades e feminilidades: (des)encontros de um percurso de estudos

A aparição de estereótipos ligados a comportamentos associados aos gêneros no contexto ficcional em que as análises se estabelecem no presente trabalho revelam qualidades associadas culturalmente a homens e mulheres e pode fazer pensar que não haja subversões ou instabilidades no campo de produção de identidades. No entanto, um olhar mais atento permite perceber que “um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra” (BAKHTIN, 1986, p. 32).

Desse modo, em estudos recentes, a perspectiva feminista tem mostrado grandes avanços nas contribuições interpretativas que visam perceber a vida das mulheres e as relações de gênero e, junto a este campo de estudos, temos “uma proposta metodológica de trabalhar a partir de uma ‘epistemologia da alteridade’ – o resgate

das experiências invisibilizadas, silenciadas ou construídas como um Outro da modernidade ocidental” (ADELMAN, 2007, p. 394).

O silenciamento feminino, a submissão e o reforço de características associadas culturalmente ao masculino como a brutalidade, a raiva, a voz que predomina sobre o gênero oposto trazem em si marcas do oposto do que representam. Dessa forma, o mesmo personagem brutal e estuproador que realiza por gosto contra sua mulher atitudes de defloração sexual sem que esta possa se defender é amante de obras de arte e de alta cultura, transita por lugares nobres e usa maquiagem, elementos estes que contrastam com o padrão heteronormativo, sobretudo de homens da Índia da época em que a obra foi escrita. Chama atenção um deslocamento que ocorre entre dois comportamentos de Jamubhai: inicialmente, este não quer desvirginar sua esposa, devido ao fato de esta ser muito nova, posteriormente, a percepção de que falta parte do pó de sua maquiagem (utilizado pela esposa) o “leva” a surtar e adquirir comportamentos animais, o que faz com que parta para cima de sua mulher e a torne sua presa, deflorando sua inocência e não apenas uma vez depois disso, o que torna este ato um hábito.

Se pensarmos que a sociedade em que esta obra ficcional se insere não deixa que a personagem feminina apresente expressão: ela é apenas mulher de seu marido, algo como uma fêmea de outro que vem antes e que determina seu destino. Por isso, a análise de gêneros culturalmente estabelecidos em qualquer sociedade para a qual se olhe, não é possível se não forem levadas em consideração as dimensões de domínio e exploração aliadas às dimensões culturais de estabelecimento de naturalizações e silenciamentos que permeiam o espectro de constituição das características que parecem intrinsecamente ligadas aos gêneros. O silenciamento e aparição secundária da mulher no enredo da história mencionada

não podem ser percebidos como algo banal, mas como acontecimento excludente de valores que não podem ser ignorados, pois ainda, na atualidade, em alguns lugares e situações. Segundo Caldas-Coulthard (2007):

é muito significativo que para ‘homem’ e ‘mulher’ tenha também outros significados além do aparente significado paralelo: enquanto o significado secundário de ‘homem’ inclui toda a humanidade, [todos os homens têm direitos igual, por exemplo] o de ‘mulher’ é restrito à esposa (CALDAS-COULTHARD, 2007, p. 380).

O trabalho da crítica passa a ser então a problematização destes saberes e dos modos sobre os quais se assentaram as percepções (re) produzidas no imaginário social acerca das (in) definições associadas a gêneros específicos. Dessa forma, trata-se de olhar para afirmações que se cristalizaram aos poucos na cultura e vão materializando discursos na fala, nos gestos e nos modos de perceber e atuar como pertencente de determinado gênero em detrimento de outro. Não estamos nos terrenos da obviedade, nem da investigação que parte do senso comum ao criticar desestabilizamos estas lógicas assentadas no patriarcalismo, pois de acordo com Foucault (2012):

é preciso pôr em questão, novamente, essas sínteses acabadas, esses agrupamentos que, na maioria das vezes, são aceitos antes de qualquer exame, esses laços cuja validade é reconhecida desde o início; é preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens; é preciso expulsá-las das sombras de onde reinam (FOUCAULT, 2012, p. 26).

Cabe então questionar sobre os motivos pelos quais um enunciado pode aparecer e não outro em seu lugar (FOUCAULT, 2012) bem como cabe perceber que os modos como as representações culturais de gênero se inserem na narrativa, elas também deixam espaço para entrever o oposto daquilo que representam, pois ao retratar uma realidade, refratam outra

fazendo com que o espectro do seu contrário seja afirmado nas sombras daquilo que busca mostra. Sendo assim, para Derrida, há um jogo de ocultamento e amostragem de substâncias: o que se diz está sempre atravessado pelo seu contrário, já que a linguagem se assenta sobre um jogo de diferenças em contínuo estado de tensionamento tornando saberes naturalizados a partir de outro viés. Para Wolfreys (2012), trata-se de

uma abertura na identidade (estrutural, conceitual, ontológica, epistemológica, ideológica), pela qual o próprio pensamento daquela identidade se torna possível somente através da incorporação, necessariamente, dos signos de sua não identidade, ou outra que informe cada aspecto da forma como uma forma. Além disso, aqueles elementos [...] não são identificáveis como termos absolutamente separáveis. Em vez disso, eles envolvem um ao outro (WOLFREYS, 2012, p. 57).

Tomando a identidade sob este prisma imprime-se assim ao conceito a ideia de múltiplo, heteróclito e passível de nuances e transformações. Isso porque as formas de perceber o masculino e o feminino com o passar do tempo foram se modificando incorporando hábitos, engendrando comportamentos associados a gêneros em detrimento de outros. Dessa forma, olhar para os gêneros, a partir da forma sobre a qual estão assentados na cultura e na sociedade, pressupõe um olhar não-ingênuo sobre as possibilidades de visadas que podem ser aí realizadas.

Assim, ainda podemos perceber os vestígios dos contrários que habitam os solos incertos sobre os quais se produzem as identidades fabricadas ideologicamente para ver além do que está sendo narrado, dito, representado. É esta instigação que pretendemos aqui suscitar, de que, para além de toda representação de mulheres silenciadas, está uma semente de subversão que permite problematizar ao pesquisador olhares acerca das épocas em que o texto se insere e de que forma ele pode dizer o que não terminou de dizer.

Sob a égide deste contexto, apenas a reverberação de representações literalmente apresentadas faz diminuir o valor literário das obras sobre as quais nos debruçarmos. Se a crítica é como o farol de Alexandria, lançar luzes aos textos passa a ser permitir, portanto, que as luzes lançadas possam vislumbrar nuances, desencontros e fragmentos sobre as camadas do texto e elementos exteriores atuando em sua constituição. Então, ao invés de perceber as caracterizações dos personagens Jemubhai e sua mulher nesta obra, ao invés de partir do estudo sobre identidades estabilizadas, Godino Cabas (2009) ressalta a importância de perceber narrativas a partir da metáfora do sujeito descentrado “cujo significado das lembranças e constituição da identidade escapa a si mesmo e, quanto mais tenta “explicar”, mais ainda a “verdade” (sobre o sujeito/sobre o mundo que o cerca) se esvai” (SILVEIRA, OLIVEIRA & DERING, 2014, p. 77).

Subvertendo finalizações: entre gêneros, identidades e incompletudes

Nas teorias de estudos culturais e de gênero, a preocupação por vezes se concentrou em reflexões acerca da natureza do ser e na fragmentação de sua identidade, que sofre degradação devido às imposições sociais vigentes, em seus diferenciados contextos. Os discursos propostos por tradições sócio-culturais carregam consigo ideologias (BAKHTIN, 1992), as quais devem ser revisitadas, pois a linguagem é uma expressão do subjetivismo do falante. Esse subjetivismo pode ser autêntico ou pode sofrer uma falsa consciência, o que acarretaria problemas sérios de identificação do sujeito (WEEDON, 1987).

Devemos considerar, portanto, que não há uma linguagem pura, tal como já postulara Bakhtin (1992), pois todo discurso é carregado de seu sujeito, de seu tempo histórico, bem como de

sua cultura. Deste modo, “todo texto se constrói como mosaico de citações” (KRISTEVA, 1974, p. 64) que vão constituindo novos textos, novos discursos. O indivíduo, deste modo, nunca estará isolado de seu exterior, pois sempre será confrontado com outras culturas, dialogando com elas e se refazendo a cada vez que essas o perfazem. No caso de Jemubhai, ainda que ele fosse confrontado, sua face condicionada e de falsa consciência parece tender à manutenção, pois as imposições sociais se delinearão engendrando comportamentos e saberes sobre ele desse modo.

Considerando que, segundo Weedon (1987), o discurso sempre está aberto a redefinições, portanto, os olhares múltiplos que o juiz e sua esposa, enquanto personagens da obra ficcional O legado da perda, possibilitam, a partir de leituras assentadas sob a égide dos estudos de gênero, descortinar os paradoxos implicados na construção de sua identidade, permeada por inúmeras passagens dentro da leitura da obra. Esses movimentos interpretativos constituem chaves de leitura para compreendermos como as operações dessas categorias são transpostas e investigarmos suas implicações, verificando, inclusive, desdobramentos históricos e culturais (PISCITELLI, 2004). Desse modo, constatamos que Jemubhai principalmente (mais que sua esposa), ainda que seja uma figura continuamente delineada na narrativa, deixa entrever sua personalidade identitária permeada de instabilidades constituintes, o que acrescenta aos modos de perceber as práticas de subjetivação deste indivíduo.

Referências Bibliográficas

- ADELMAN, Miriam. Feminismo e pós-colonialidade: algumas reflexões a partir da teoria social e da literatura. In: WOLFF, Cristina Scheibe; FÁVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. (orgs.). **Leituras em rede: gênero e preconceito**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, p. 391-413.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8 ed. São Paulo: Huicitec, 1986.
- BARRET, Michèle. **As palavras e as coisas: materialismo e método na análise feminista contemporânea**. Revista Estudos Feministas, v. 7, n. 1 e 2, 1999, p. 109-125.
- BELSEY, Catherine; MOORE, Jane. Introduction: The Story So Far. In: _____. **The Feminist Reader: Essays in Gender and the Politics of Literary Criticism**. London: Macmillan Education, 1989, p. 1-20.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Caro colega. In: WOLFF, Cristina Scheibe; FÁVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia Regina de Oliveira (orgs.). **Leituras em rede: gênero e preconceito**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, p. 373-389.
- DESAI, Kiran. **O legado da perda**. Tradução de José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2006.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Feminismo e desconstrução: anotações para um possível percurso**. In: _____. **Gênero e representação na literatura brasileira**. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Letras, UFMG, 2002, p. 13-31.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In. HOLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 217-250.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Org., intr., rev. de Roberto Machado. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GODINO CABAS, Antônio. **O sujeito da psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. V. II. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

KRISTEVA, Julia. **Introdução a semântica**. Trad. Lucia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: _____. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 15-29.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e feminino. In COSTA, C. de L.; SCHMIDT, S. P. (Org.) **Poéticas e políticas feministas**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004, p. 43-67.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.

SILVEIRA, Ederson Luís; OLIVEIRA, Hibráhima Nelia; DERING, Renato de Oliveira. **No terreno das descontinuidades: entre tempos e vozes das narrativas**. Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação. Blumenau, SC, v. 8, n. 1, p. 76-86, janeiro-abril de 2014.

WEEDON, Chris. **Feminist Practice and poststructuralism** Theory. New York: Basil Blackwell, 1987.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. Tradução de José Palla e Carmo. Lisboa: Europa-América, 1983.

WOLFREYS, Julian. **Compreender Derrida**. Tradução de Caesar Souza. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

Enviado: 11/11/2015

Aceito em 20/12/2015